



Latin America & Caribbean Islamic Studies

— Newsletter —

[Entrevista] “Aisha Khan: A tintura mais profunda”

Autora: Aisha Khan, entrevistada por Ken Chitwood

Tradução: Lucas Vicente

Fonte: *Latin America & Caribbean Islamic Studies Newsletter*, Vol. 1, No. 3 (April 2021), pp. 25-28.

De onde a ideia para esse livro veio?

Há muito tempo me interessa sobre como o conceito de identidade funciona simultaneamente como uma fundação para igualdade social e como instrumento através do qual as hierarquias sociais são reforçadas. Minha intenção era abordar essa aparente contradição ao desconstruir o conceito de identidade em suas partes componentes operantes – focando em dois aspectos chave, raça e religião – e ao pensar comparativamente: que tipos de condições subjacentes e compartilhadas geram ideias sobre a incompatibilidade ou, reciprocamente, comensurabilidade das identidades grupais; quando eles são interpretados como fixos e inerentes; e quando eles são interpretados como produtos maleáveis das relações sociais? Eu foquei essas perguntas teóricas em dois exemplos concretos oriundos do mundo atlântico que tinham possibilidades abastadas: obeah e Hosay. Ambos são tradições de longa data que ganharam suas constituições particulares e significado dentro do contexto da economia política do Plantation, ambos são geralmente entendidos como tendo heranças e circunscrições cultural e racialmente diversas, ainda assim ambos são usualmente identificados e estudados como, respectivamente, “Africano” e “Indiano”. Meu interesse estava em sondar como e por que essas caracterizações aparentemente contraditórias têm sido tão persistentes e o que formas mais amplas de conhecer essa tenacidade pode revelar.

Seu livro é cheio de narrativas etnográficas, comentários históricos e até procedimentos de tribunal, mas eu fiquei particularmente impactado pelas suas múltiplas décadas de encontros em, ao redor de e com Hosay. O que essa narrativa de longa duração traz pro seu trabalho que talvez um trabalho de pesquisa mais curto poderia perder?

Pesquisa etnográfica na antropologia é tipicamente conduzida por um longo período de tempo. Por exemplo, minha primeira tarefa no campo de trabalho na Trinidad, que foi para a minha tese de doutorado, foi quase por dois anos consecutivos. Felizmente, a duração dessa estada gerou tantas questões novas para mim como apresentou respostas para as perguntas inicialmente propostas. Isso manteve meu fascínio pelo poder e identidade vivo, enquanto ao mesmo tempo me permitiu focar em um diferente, mas relacionado aspecto da relação deles. Enquanto questões sociais e culturais ou problemas muitas vezes se mantêm, a gente sabe que contextos históricos mudam, assim como a nossa interpretação, logo essa perspectiva longa me ajudou

enormemente. Ela também pode nos ajudar a ver como percepções, práticas, e visões de mundo não são necessariamente consistentes dentro de uma comunidade, ou ainda dentro de um único indivíduo não mais do que eles são para nós mesmos em qualquer momento. Essas inconsistências são intimações interessantes e importantes sobre as diversas formas por que as pessoas interpretam as normas sociais, os valores, e os discursos populares enquanto eles lidam com as expectativas e as demandas das relações desiguais de poder que estruturam suas vidas.

Você escreve sobre ter uma “visão paralaxe” de raça e religião em obeah e Hosay – substituindo “a atenção dos objetos mesmos para as relações entre eles que os entrelaça em formas que os definem, redefinem ou reforça a fim de tentar formas diferentes de ver as coisas”. Diga-nos um pouco mais sobre o que visão “paralaxe” é e o que significa para a sua pesquisa.

Há muito tempo eu me impressiono pelos pontos cegos que surgem quando a gente olha para algo como se isso existisse por si mesmo – como discreto, separado de outros fenômenos. O impacto que essa obstrução tem em muitos de nós é incisivo, e os efeitos são muito enganadores. O valor da visão paralaxe, eu penso, está em avançar na análise comparativa ao repensar essas noções de limite e estabilidade. Nós deveríamos estar procurando em vez disso por conexões entre fenômenos que revelam características e relações inesperadamente formativas. No caso de obeah e Hosey, foi, portanto natural começar com suas representações como “tipos” de pessoas e os amplos esforços para criminalizá-los e reprimi-los da parte das autoridades contemporâneas e coloniais, assim como a resistência consistente a esses esforços da parte dos praticantes. A premissa é que essas conexões e redes vão manter esses objetos de estudo em foco enquanto também vai entendê-los em formas empíricas mais permanentes do que tem sido feito no passado; e ao fazê-lo, nós podemos não apenas entendê-los de uma nova forma, mas também talvez entendê-los melhor.

Que outras “coisas” poderiam se beneficiar de uma visão paralaxe nesse campo?

Tudo nas experiências vividas se beneficia de uma visão em paralaxe. Isso é porque a atenção redirecionada para a justaposição das coisas – especialmente aquelas que são aparentemente diferentes – para longe da coisa mesma, revela as forças e processos imperceptíveis ou imprevistos, junto dos esperados, que baseiam e animam nossa experiência e interpretação dessas coisas. Como eu logo expliquei no livro, eu precisava encontrar “coisas” específicas para considerar através de uma visão em paralaxe, a fim de questionar ideias reducionistas, inerentes e essencialistas de raça e de religião e o trabalho ideológico que eles performam. Eu escolhi obeah e Hosey. Mas isso

foi um meio para um fim: minha intenção não era examinar obeah e Hosey como fenômenos discretos – apesar de eles funcionarem dessa forma, também – mas antes tratá-los como veículos em movimento da identidade racial e religiosa, suas interseções exemplificando uma religião racializada e uma raça “religionizada”. Nem sempre é fácil, pelo menos no pensamento ocidental, de entender algo como ostensivamente estável, mas também nunca estável. Isso se aplica, por exemplo, para as nossas noções de personalidade, nossas tradições costumeiras, a forma por que entendemos nossos corpos, etc. Uma visão em paralaxe sublinha que uma “coisa”, como Heidegger postula, é o “portador existente de muitas propriedades existentes e ainda assim mutáveis”. Como “coisas” essas propriedades parecem ser contidas e fixas, mas elas são interconectadas e variáveis. Isso é o que a visão em paralaxe demonstra, direcionando nossa atenção para o trabalho ideológico de categorias interpretativas como ostensivamente discretas e estáveis e da mesma forma mutuamente definidoras e fluidas – e, como nesse livro, a forma como essas qualidades são colocadas a serviço da exploração, resistência e suas justificações.

O que poderiam as conclusões do seu livro ter a dizer sobre os estudos do “Islã e comunidades muçulmanas” nas Américas mais amplamente? Poderia elas inaugurar discussões sobre os próprios termos de nosso discurso, as próprias “coisas” que estudamos?

As Américas apresentam um panorama especial relacionado ao Islã: viagens de muçulmanos para esse hemisfério, onde nenhum país tem maioria muçulmana, abrangem milênios – como exploradores, escravizados, contratados, estudados, analfabetos, ativistas, empreendedores, e refugiados vindos de ao redor do globo, ainda assim suas histórias permanecem pouco conhecidas. Minha conclusão nesse livro, apesar de embasada em dois casos empíricos (um deles, Hosay, tem origem islâmicas), deriva de princípios que eu acredito serem aplicáveis a qualquer assunto. Eu argumento que a figura do indivíduo, no coração do conceito ocidental de identidade, é a chave para a construção e reificação de “tipos” humanos que são o legado do colonialismo europeu, criado a partir de crenças, práticas e visões de mundo dos povos que temeu, restringiu e estigmatizou. Eu argumento que certas condições e práticas criam as coisas ao qual elas identificam com um nome (por exemplo, racismo cria a raça, ao invés do contrário); e eu argumento que componentes da identidade, incluindo raça e religião, são necessariamente sempre cruzados, trabalhando juntos na contínua criação da personalidade e do grupo. Enquanto as pessoas se constituem a si mesmas como muçulmanas no tempo e no espaço, elas bebem de denominadores canônicos comuns e praticam tradições familiares. Mas eles também vivem em momentos históricos diferentes e sob relações particulares de poder, e com uma diversidade cultural e

religiosa de vizinhos, colegas de trabalho, amigos e mesmo familiares. Em resumo, meu argumento enfatiza a agência em vez da essência, e a contingência em vez da fixação. Aplicado aos séculos de presença muçulmana nas Américas e à grande variedade de suas experiências, essa abordagem expõe a fluidez e a heterogeneidade da identidade religiosa (e todas as demais) e, portanto as múltiplas formas, e razões por que os muçulmanos conhecem a si mesmo e são conhecidos pelos outros.

O que o seu trabalho poderia dizer sobre os estudos do “islã global” ou “as Américas” como um todo?

A desconstrução de qualquer categoria interpretativa na pesquisa para entender como isso se torna definido e reconhecido de uma forma particular vai sempre, de maneira produtiva, balançar nossas premissas e presunções a seu respeito. Quanto mais ampla a categoria, mais partes componentes é provável que ela tenha. “Islã global” e “As Américas” são encapsulações de uma enorme rede de variáveis. Cada uma transmite generalizações (e aspirações) sobre populações sendo unidas por causa da manutenção ostensiva de características, histórias e pontos de vista que têm em comum. À medida que variáveis são seletivamente destacadas, contudo, o que entendemos como sendo “Islã global” e “As Américas” vai mudar, à medida que aspectos diferentes forem enfatizados. Formações raciais e tradições religiosas variam pelo espaço/tempo, mas a interseção delas é inevitável; são a configuração, o significado, e a importância dessas intersecções que são contingentes. Então, o que a gente escolhe para focar sobre eles vai comunicar uma mensagem particular. Ao mesmo tempo, os princípios permanecem: a racialização da religião e o entendimento religioso da raça serão um fator em todos os lugares em que raça e religião são empregadas em alguma maneira para definir pessoas. Como uma antropóloga de pensamento histórico com uma inclinação empirista, eu não tenho certeza sobre como eu poderia estudar o “islã global” e “As Américas” assim sendo. Eu poderia começar distinguindo a generalização (e as aspirações que ela simboliza) das experiências vividas e mundanas daqueles que são representados por ela.